TOPOFILIA DA CASA VELHA DA PONTE: O TESOURO DE CORA CORALINA SOB A LUZ DE BACHELARD

Eleno Marques de Araújo – (UNIFIMES)¹

José Humberto R. dos Anjos – (UNIFIMES)²

RESUMO: Os estudos sobre espaço e literatura têm ganhado cada vez mais destaque, tendo importantes contribuições não só na área de Letras, mas também da geografia, história e da sociologia. Desta forma, este artigo propõe uma análise do espaço *casa* nas obras “*Estórias da Casa Velha da Ponte*” (1985) e “*O Tesouro da Casa Velha*” (2001) da poeta e contista goiana Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (Cora Coralina). Sob a luz das teorias que investigam a topoanálise, principalmente do francês Gaston Bachelard em sua obra “*A poética do espaço*” (2003) e de Borges Filho (2007), buscar-se-á a análise do espaço como fator constitutivo das memórias no texto coralineano.

Palavras-Chave: Espaço, Literatura, Cora Coralina.

TOPOPHILIA'S THE OLD BRIDGE HOUSE: CORA CORALINA'S TREASURE UNDER THE LIGHT OF BACHELARD

ABSTRACT: Studies on space and literature have increasingly gained prominence, with important contributions not only in the area of literature, but also of geography, history and sociology. Thus, this article proposes an analysis of works home space “*Estórias da Casa Velha da Ponte*” (1985) and “*O Tesouro da Casa Velha*” (2001) the short story writer and poet Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (Cora Coralina). In the light of the theories that investigate the topoanálise, mainly from French Gaston Bachelard in his work “the poetics of space” (2003) and Borges Filho (2007), seek the analysis of space as constitutive factor of memories in the coralineano text.

Key-word: Space, Literature, Cora Coralina.

Sobre espaço e métodos: percursos preliminares.

Grande parte das lutas da humanidade, ocorreram entorno das questões relacionadas à conquista de espaço. Seja nos primórdios, quando tais enfrentamentos eram mais ferrenhos e sanguinárias, ou mesmo na modernidade quando estes são mais sutis, aparecendo apenas com conceitos de posse como “meu” e “seu”, fato é que o sujeito sempre primou por construir espaços, que de alguma forma oferecesse segurança, ou mesmo uma identificação de si com os seus.

¹ eleno@fimes.edu.br

² josehumberto@fimes.edu.br

Devido ao advento da internet, que desde o ano 2000 tem se tornado mais acessível, os lugares de construção da intimidade têm se tornado cada vez mais escassos, e com isso os espaços cada vez mais reduzidos. Desta forma, discutir as relações do espaço com os que nele habitam, ou por ele lutam, tem se tornado cada vez mais frequente em estudos não só da geografia como o eram, mas também na sociologia, nas ciências sociais e na literatura.

Desta maneira, este artigo propõe a análise de determinados espaços, baseando-se principalmente no livro *A Poética do espaço* do francês Gaston Bachelard, aplicada a obra da poeta goiana Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, cujo pseudônimo Cora Coralina é conhecido não só em Goiás, sua terra natal, mas em todo o Brasil e até mesmo fora dele.

Para esta análise, primou-se por dois textos extraídos de obras distintas e que evidenciam a questão do espaço, tanto físico quanto íntimo. O primeiro é *Casa velha da ponte* integrante do primeiro livro de contos e crônicas *Estórias da Casa Velha da Ponte* lançado postumamente em 1985 pela editora Global. Caracterizado como uma obra extremamente pessoal é composto por 18 contos/crônicas, que apresentam um misto de história, geografia, prosa e poesia. É possível perceber em alguns textos, uma hibridação com a narrativa, em especial com o conto.

O segundo texto, *O tesouro da casa velha* faz parte de uma obra póstuma homônima, publicada em 1989 pela editora Global em ocasião do aniversário de 100 anos de Cora Coralina. Os textos, no total 18, trouxeram para o leitor saudosos de Cora, uma gama de experiências inéditas que não morreram com o corpo de Ana Lins, mas que se eternizaram com o pseudônimo de Cora, afinal como já afirmava (ARISTOTELES, 2005, p. 14) a poesia sempre permanece, pois é sublime “uma espécie de grandeza de alma que leva o homem a desprezar os bens materiais”.

Desta forma, centrando-se na análise dos textos acima citados, buscar-se-á uma análise sobre uma ótica topoanalítica, que vê no espaço uma construção simbólica e muitas vezes identitária. Portanto, ter claro o conceito de topoanálise, é fundamental para a compreensão deste estudo, uma vez que este se constitui segundo Bachelard como o estudo psicológico dos espaços íntimos, ou seja, a influência ou não do espaço sobre aqueles que o habitam.

Portanto, cada espaço da casa além de demonstrar e ter um aspecto geográfico e utilitário, revela ainda anseios da personalidade daquele habitante. É como se cada parte representasse um estado psicológico e um momento da alma.

Lê-se um texto e sabe-se sua intencionalidade, compreende-se sua mensagem. Desta mesma forma, cabe dizer que a casa e seus cômodos podem ser lidos, descritos e compreendidos, não somente em suas funcionalidades, mas em suas representações. Ao analisar uma filosofia da literatura, Bachelard (2003, p. 206) apresenta um aspecto psicanalítico que assim como a palavra, pode ser lido

Portanto, há um sentido em dizer, no plano de uma filosofia da literatura e da poesia em que nos colocamos, que se ‘escreve um quarto’, que se ‘lê um quarto’, que se ‘lê uma casa’. Assim, rapidamente, desde as primeiras palavras, a primeira abertura poética, o leitor ‘leu um quarto’ suspende sua leitura e começa a pensar em qualquer antiga morada. Você queria dizer tudo sobre o seu quarto. Queria interessar o leitor em você mesmo no momento em que você entreabre a porta do devaneio.

Assim, tem-se a ideia de topoanálise, uma leitura do espaço para uma possível compreensão, ou mesmo referência daquele de seus moradores. Busca-se não somente características físicas, mas essencialmente psicológicas, como leu-se acima. Na topoanálise lê-se e escreve-se não a palavra, mas o espaço.

Quando se lê um texto narrativo, o contato com os cinco elementos deste gênero é visível, dentre estes, a constituição do espaço, de forma minuciosa e descritiva, muitas vezes é crucial para o desenvolver do enredo. A iluminação ou a falta dela, a natureza abrangente, os móveis que circundam as cenas, o concreto, enfim, há uma composição do lugar que ajuda na construção das imagens e dos personagens.

Tais considerações são de grande importância uma vez que “o estudo do espaço enquanto categoria essencial da estrutura narrativa e, conseqüentemente, o entendimento dos processos criativos envolvidos em sua composição” (BARBIERI, 2009, p. 106) é fundamental para que uma compreensão leitora eficiente possa ser alcançada.

Embora os estudos que investiguem o espaço de forma mais psicológica e onírica sejam bem recentes, a academia tem fornecido importantes estudos nessa área. E este aspecto que antes era visto apenas como um “elemento” vem cada dia mais assumindo um papel importante na construção estética do texto. O espaço não cria apenas imagens, mas é fundamentalmente importante para demonstrar outros aspectos, envolver outros

elementos e a partir deles construir significados e remontar novos modos de interpretação, ou seja, é o espaço um norteador, ele indica e situa.

Análises que desconsideram o espaço, não só correm o risco de serem equivocadas, mas também se privam de uma infinidade de observações. Cláudia Barbieri (2009, p. 109) afirma que “Estudos que não levam em consideração o estilo de vida implicado em morar num ambiente como esse, os hábitos dos moradores, os relacionamentos humanos e outros dados perderiam significativas possibilidades interpretativas”.

Para Lins (1976, p. 101) “as funções habituais do espaço não se reduzem a influenciar personagens ou contribuir para sua caracterização: destina-se, muitas vezes, exclusivamente a situá-la”, desta forma é possível dizer que não é porque dado espaço exista que ele é influente sobre a personagem, daí a importância da toponálise; analisar essas influências, não apenas supô-las.

Em *Espaço e Literatura: introdução a toponálise* (2007), o pesquisador Ozíris Borges Filho, afirma que dentro do texto literário, o espaço pode servir para variados propósitos, e que classificar todos seria uma tarefa árdua. No entanto, elege 7 pontos em que a análise do espaço pode ser importante a ser considerada:

1. Caracterizar as personagens, situando-as no contexto socioeconômico psicológico em que vivem;
2. Influenciar as personagens e também sofrer suas ações;
3. Propiciar a ação;
4. Situar a personagem geograficamente;
5. Representar os sentimentos vividos pelas personagens;
6. Estabelecer contraste com as personagens;
7. Antecipar a narrativa;

Para Borges Filho (2007, p. 61) tais aspectos colaboram entre outros fatores para a espacialização, ou seja, “a maneira pela qual o espaço é instalado dentro da narrativa” e como o narrador, ou o eu-lírico criam o espaço dentro da obra literária.

É neste campo “movediço” da análise do espaço enquanto objeto da análise literária, que este estudo se propõe dissertar, expondo por meio da sugestão de Bachelard para uma toponálise, a investigação da casa em *Cora Coralina*.

A CASA, O VELHO E OUTROS ESPAÇOS: o lugar de Cora e dos homens no /do mundo.

Em poucos espaços do mundo, o homem constrói vínculos de privacidade, assim historicamente a casa, ou o lar tiveram essa incumbência a eles delegados, ou seja, quando está em casa os sujeitos estão em privacidade, mesmo que habitem com outros. A casa não é somente um símbolo da privacidade, mas o ícone das relações íntimas de um para com outro, de si para consigo mesmo, e sobretudo assume papel de “esconderijo da intimidade”.

A casa em Cora, em ambos os poemas é descrita como *velha*, ou seja, já é desgastada pelo tempo, pelos viventes e com certeza já deve ter abrigado não só a poeta que canta suas belezas, mas boa parte de sua pregressa família, e até mesmo de seus outros moradores.

Há uma série de especulações e mitos sobre a casa cantada por Cora. Segundo Britto (2009, p-p 18,19) “não se sabe a data exata da construção”, porém “supõe-se que, por volta de 1732, Thebas Ruiz teria construído a Casa da Ponte”. A própria Cora escreveu “*A casa desta estória vem do século XVIII*” (CORALINA, 2001, p. 43).

Em *O tesouro da Casa Velha*, Cora narra de forma historiográfica que após a enchente do dia 19 de fevereiro de 1839, quando as águas levaram a igreja, o sineiro, o sino e a fábrica de tecidos, foi construída a *Casa* que mais tarde seria dela e de sua família. Sobre a construção, a poeta afirma que:

[...] foi bem traçada em pedra desconforme e bruta, fácil, contraditória e braço escravo barato, para levantar com boas amarrações, junto a cernosas e furnidas aroeiras, esquadriadas em grosso. Pelo tempo as reformas foram nenhuma (2003, p. 43).

Da citação acima depreende-se a ideia de que a casa era bem sólida e estruturada. Pela leitura do poema, sabe-se também que o primeiro dono da *Casa* foi Manoel José Ruiz de Thebas e seus escravos, entre eles Venâncio o de sua extrema confiança. Thebas era recebedor do quinto real, mas apesar do cargo era dado a pagodeiras, jogos e muita bebida, sendo frequente voltar para casa carregado.

Fato foi que o Rei ficou sabendo e não gostando dos hábitos boêmios de Thebas Ruiz, mandou que este fosse preso e levado à Portugal. Com medo de tal retaliação o

cobrador enterrou o seu tesouro e em seguida suicidou-se, não revelando a paradeiro nem mesmo para o escravo de sua confiança. Não encontrando o tesouro escondido, começou-se a especulação de que ele estava escondido sob o solo da casa velha.

Sobre o ocorrido, Cora Coralina escreveu que:

Tomou todo o ouro restante que havia na casa e mais o devolvido e mais a prataria e lavrados. Fechou tudo numa arca de boa cabiúna preta, atarrachada de grossas ferragens de fofja. [...] Alí, em lugar incerto e jamais sabido – profundezas da terra, pé de esteio ou buraco aberto nos alicerces, recomposto, despistado, encafurnou o guardado, *per omnia saecula saeculorum. Amén* (CORALINA, 2003, pp. 46-47).

Após a morte de Thebas a *Casa* foi adjudicada à Fazenda Real, posta em hasta pública e arrematada pelo Sargento-mor José Luis do Couto Guimarães. Mais tarde, passou a ser do Cônego Dias, filho de José Luis. Com a morte do Cônego, a casa passou a ser do avô de Cora Coralina, Joaquim Luiz que a vendeu ao Dr. Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, que se casou com a mãe de Cora dando a casa a ela como presente pelo nascimento de sua filha Helena.³

Há diversos significados para o elemento casa, para (CHEVALIER, 2009, p. 196) ela “está no centro do mundo, ela é a imagem do universo”. No entanto, Bachelard em sua *Poética do Espaço* reconhece a casa e seus vários cômodos como estados da alma do inconsciente humano, um momento onírico e construtor de uma imagem singular.

É além do abrigo e do aconchego, um espaço em que os indivíduos constroem suas relações de afeto e de poder. Foi na Casa Velha da Ponte que Cora nasceu, e um mês e vinte cinco dias depois, seu pai morreu. Lá junto com a mãe e as irmãs, viveu no que mais tarde seria o museu *Casa de Cora Coralina*. Em 20 de agosto de 1989, em virtude do centenário de nascimento da poeta, foi inaugurado o Museu Casa de Cora Coralina que foi instaurado na *Casa velha da Ponte* e está até hoje.

É a casa o sonho e frustração de muitos, que buscam não somente ter um bem material, mas um lugar em que se sintam seguros, aconchegados e possam com a família construir a noção de lar. Não é somente a imagem do objeto, com paredes, salas, móveis ou decorações que transmitem esse sentido de casa, mas “todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa” (BACHELARD, 2003, p. 200). A relação de habitar, seja em uma mansão, casebre ou choupana já introduz ao indivíduo o conceito de casa, o lugar que o abriga e que o acolhe.

É a casa, pois, o refúgio em que habitam tanto os indivíduos, quanto as reminiscências que o constituem, disso deriva dizer que as casas são receptáculos em que nossas memórias vão se construindo, morando e mudando. Arruma-se e desarruma-se

³ Conferir no livro *Cora Coralina: Raízes de Aninha*. Ideia & letras, 2003.

uma casa de acordo com as vontades particulares daqueles que a habitam, por isso comumente ouve-se dizer que a casa é o espelho do dono, ou que ela reflete aquele que está abrigando.

Em *Cora Coralina* o elemento casa tem uma significação muito grande, não só pela abordagem inconsciente, mas por ter sido neste ambiente que a poeta constituiu sua personalidade, conviveu com sua família e apreendeu no cotidiano a essência de muitos de seus textos: a observação do simples.

Essa *Casa* que se constitui como uma das primeiras construções de Goiás e que de mão em mãos passou até abrigar a menina Ana Lins, acolhe não só a poeta em seu *locus* de produção, mas o próprio leitor que ao encontrar-se com as palavras de Cora, vai também se tornando o morador daquele espaço: “a casa nas ‘estampas’ literárias onde deixa suas marcas, acolhe o leitor como a um hóspede” (BACHELARD, 2003, p. 229).

A *Casa* precede a poeta, quando a recebe já traz consigo outras vidas, outras pessoas abrigadas, lembranças e memórias

Olho e vejo tua ancianidade vigorosa e sã.
Revejo teu corpo patinado pelo tempo, marcado das escaras
da velhice. Desde quando ficaste assim?

Eu já era menina e você era a mesma, de paredes toscas, de
beiradão desusado e feio, onde em dias de chuva se acolhiam as cabras soltas
da cidade (CORALINA, 1985, p. 07).

Osman Lins ao estudar *Lima Barreto e Espaço Romanesco (1976)* relata em sua análise que a obra de Aluísio de Azevedo “*O Cortiço (1890)*” é uma dubiedade de ambientes, ou seja, é tanto um espaço físico quanto social. Nesta dinâmica *A Casa* de Cora Coralina é também esse espaço duplo em que o físico e o social se manifestam.

Embora haja a presença de um aspecto físico forte, e notadamente explícito, a gama social também se mostra muito forte. Em *Cora Coralina* o espaço social surge a todo momento, pois seu texto emerge as relações que os indivíduos estabeleciam, os hábitos que mantinham, enfim a forma como se comportavam e habitam.

No entanto, para (BARBIERI, 2009, p. 109) “além dos desdobramentos possíveis no entendimento do espaço social, podem existir referências simbólicas e históricas, dentre outras, que interessam o efeito estético a ser produzido”. Em *Cora* isso acontece recorrentemente, o que dá aos seus escritos um tom poético-historiográfico e que resinifica, ou mesmo reconstrói o passado:

Mesmo na frente da casa velha, do lado de lá do rio, há mais de duzentos anos, caminhando para trezentos, tomou chegada a Bandeira dos “Polistas”. Porto da Lapa – foi chamado o lugar onde desembarcou no dia 26 de julho de 1728 a gente do primeiro Anhanguera (CORALINA, 2001, p. 41).

Depois veio um Sargento-mor, bisavô de muitos, português colonial. Um Cônego Couto, liberal e dono de moedas, montes de ouro, prataria. Contava minha bisavó que esse senhor Cônego, feito suas humanidades em Coimbra, só almoçava sua gorda feijoada goiana em pratos e talheres de ouro (CORALINA, 1985, p. 9).

É a *Casa* também o lugar em que a “*estória*” se faz e se (res)guarda. Durante muito tempo aquela construção “velha” foi o universo da poeta, dela germinaram seus livros, suas experiências e suas compreensões do mundo. Foi na antiga Vila Boa de Goiás, as margens do Rio Vermelho que Cora viu em seu espaço, o espaço do mundo.

O *velho* em Cora Coralina teve espaço porque este adjetivo compôs suas lembranças, foi dos entulhos que ela edificou sua poesia, “alguma coisa, coisas que me entulhavam, me engasgavam e precisavam sair” (CORALINA, 1987, p. 43), explica a poeta ao prefaciá-lo seu terceiro livro *Vintém de Cobre* (1983). O vocábulo velho ganha outra significância, carregada de experiências, um “velho documentário de passados tempos, vertente viva de histórias e de lendas” (CORALINA, 1985, p. 8).

A *Casa* era repleta de objetos *velhos*, eles reviviam as lembranças de tempos saudosos em que a poeta viveu, especialmente a infância momento tão lembrado em sua obra. Além dessa função afetiva, cada coisa *velha*, remontava um tempo histórico de uma Goiás que foi povoada pelos exploradores do ouro, pelos Bandeirantes e Paulistas. Cada “velharia” era uma marca, uma lembrança da “CASA DA PONTE, barco centenário encalhado no Rio Vermelho, contemporânea do Brasil Colônia” (CORALINA, 1985, p. 11).

Assim, a *Casa* acaba por ser o início, o meio e o “nascer” da trajetória de Cora. A própria poeta entoava um canto memorialístico em que reconhece a importância daquele imóvel: “neste meio me criei e me fiz jovem” (CORALINA, 1985, p. 11).

Ampla, com muitos cômodos e pratarias, a *Casa Velha da Ponte da Lapa* tinha (tem) também dois espaços muito importantes a serem analisados: o quintal e o porão, ambos com significados antagônicos, o primeiro com a liberdade e o segundo com o mistério e o medo.

O quintal, parte anexa à *Casa Velha* revela a imensidão íntima de Cora Coralina. Para (BACHELARD, 2003, p. 316) “a imensidão é poderíamos dizer, uma categoria filosófica do devaneio”, ou seja, é um momento de libertação de si, pois parte da “inclinação inata”.

Embora seja o espaço da liberdade, o quintal também é o espaço do recolhimento em nossa imensidão, uma vez que “a imensidão está em nós. Está presa a uma espécie de expansão do ser que a vida refreia, que a prudência detém, mas que volta de novo na solidão” (BACHELARD, 2003, p. 317).

A poeta canta o quintal como o espaço infantil, da natureza abundante em que ela visitava em “busca aos gravetos do quintal, sempre generoso, para o primeiro fogo, o café da manhã” (CORALINA, 1985, p. 10).

O grande quintal gerador de abóboras, pepinos, quiabos e mandioca, abandonado ao mato invasor, na falta de braço escravo. Mangueiras, jabuticabeiras. Goiabas pelas pontas. Frutas no tempo certo. No tempo certo, vermelhas açucenas surgindo, místicas e solitárias, no seu caule esguio, entre pedras calcinadas na aridez da terra cascalhenta (CORALINA, 1985, p. 10).

Na contramão deste espaço de liberdade em que as árvores florescem e dão fruto no tempo certo, há o porão, um espaço topofóbico, em que o mito do tesouro é edificado e que recluso à parte baixa da *Casa* é escuro, sujo e “não habitado por gente”. (BACHELARD, 2003, p. 209) afirma que o porão “é um primeiro lugar, o ser obscuro da casa, o ser que participa das potências subterrâneas”.

É no porão que nasce o mito do tesouro escondido e perdido. Além de ser a parte obscura da casa é de lá que parte o medo do Thebas Ruiz que “antes de morrer enterrou no porão da casa” seu tesouro.

Estórias, fantasias de ‘enterro de ouro’, muito ouro que se pesava às arrobas, se encompridavam em barras e arredondavam em moedas e se laboravam em adornos. Escravos escavando em busca dos filões, veeiros que aprofundavam terra adentro, vigiados de feitores, esfalfando-se em trabalho muscular, nas lavras de um tal Vai-Vem que ainda hoje tem esse nome na posse de terceiros, perto de Goiás. E assim se criou a mística do “enterro de ouro” na Casa Velha da Ponte (CORALINA, 1985, p. 9).

Por fim, sem intenções de concluir esta análise, pois o tema é bem amplo e possibilita inúmeras leituras, cabe-nos dizer que o espaço da casa em Cora Coralina, assim como propõe Bachelard, é de acolhimento e de construção da intimidade. No entanto, ao

mesmo tempo que assume estes papéis, também se configura como um local da construção do simbólico e do mítico.

É o local, onde a vivência das experiências engendrou-se à a construção de si, e que foi (é), responsável pela manutenção histórica da imagem de Cora Coralina, uma vez que hoje abriga seus pertences e mantém viva sua história e sua poesia. A casa que a recebeu criança, a criou moça, a fez doceira e acolheu como mulher idosa, é a mesma que como “barco centenário encalhado no Rio Vermelho, contemporânea do Brasil Colônia” (CORALINA, 1985, p. 11), ainda está ancorada a contar sua história/estórias.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. **A Poética Clássica**. São Paulo: Cultrix, 2005. Tradução direta do grego e do latim de Jaime Bruna.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBIERI, Cláudia. Arquitetura Literária; sobre a composição do espaço narrativo. In: **Poéticas do Espaço Literário**. São Carlos: Claraluz, 2009.

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura: introdução à toponálise**. Franca: Ribeirão gráfica e editora, 2007.

BRITTO, Clóvis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina: raízes de Aninha**. Aparecida: Ideias & Letras, 2009.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

CORALINA, Cora. **O tesouro da Casa Velha da Ponte**. 11. ed. São Paulo: Globo, 2001.

_____. **Estórias da Casa Velha da Ponte**. São Paulo: Global, 1985.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanescos**. São Paulo: Ática, 1976.